

T R A D U Ç Ã O

STEARNS, Peter N. Choices in the History of Emotions, *História Crítica* [Online] 78, 2020.

EDSON SILVA DE LIMA
Universidade Estadual de Goiás
Uruaçu | Goiás | Brasil
edson.lima@ueg.br
orcid.org/0000-0001-7903-434X

APRESENTAÇÃO

Os estudos sobre história das emoções têm se intensificado no Brasil em decorrência da necessidade de compreendermos a maneira como elas têm sido mobilizadas no debate político e nas deliberações coletivas no interior de ações relacionadas ao que se tem chamado de identitarismo, isto porque, as sensibilidades e as emotividades não se limitam mais a dimensão da irracionalidade e do descompasso humano frente aos desafios da vida pública. Elas exigem uma compreensão interseccional para que as muitas vozes que emergem no cenário político contemporâneo sejam ouvidas e que suas dores sejam contadas, narradas e enunciadas. A tradução que se segue do historiador Peter N. Stearns, doutor em história pela Harvard University (USA), um expoente da história global e da história das emoções, nos mostra um caminho teórico-metodológico para lidar com esta dimensão tão escorregadia da experiência humana. Apontando caminhos que indicam o desenvolvimento do campo, os problemas decorrentes da diversidade de abordagens, ora individual ora coletiva. Propõe, em vista disso, uma estratégia historiográfica como necessária a intensificação das pesquisas no campo e, por fim, nos convida a investigar com mais afinco as emoções no interior da experiência histórica emotiva na América Latina, que segundo ele, carece de maior atenção e cuidado.

Esta tradução contou com a revisão técnica de Ana Carolina de Azevedo Guedes, Doutora em História Social da Cultura (PUC-RIO) e doutoranda em Literatura de Língua Inglesa (UERJ/CAPES). Deixo aqui meus agradecimentos pelo cuidado, atenção e tempo.

ALTERNATIVAS NA HISTÓRIA DAS EMOÇÕES

Já se passaram cerca de oitenta anos desde que um dos líderes da *Escola dos Annales* pediu por uma história das emoções e aproximadamente trinta anos desde que trabalhos sérios e objetivos começaram a surgir nesse campo. Pode-se argumentar que os avanços, em uma área ainda relativamente nova, têm sido consideráveis. Centros importantes e associações surgiram em vários países, com estudiosos se espalhando ainda mais amplamente no campo. Padrões de mudança e continuidade em muitas das emoções principais foram explorados, inclusive nas chamadas “emoções básicas”, que poderiam parecer mais resistentes a mudanças. Conexões entre emoção e desenvolvimento tecnológico ganharam destaque. A história militar tem recompensado a atenção às mudanças emocionais, como demonstrado em um estudo recente sobre a ascensão e queda da nostalgia clássica. O papel da emoção em episódios de protesto importantes, incluindo as revoluções Francesa e Americana, foi claramente estabelecido, ampliando significativamente nossa compreensão das mudanças políticas.

Os pressupostos fundamentais do campo — que as emoções são um componente importante dos comportamentos e instituições sociais e que as emoções do passado diferem das atuais — foram amplamente demonstrados, proporcionando inúmeras oportunidades para pesquisas inovadoras. É claro que ainda há muito a ser feito. Embora muitas emoções tenham sido abordadas, há lacunas importantes. A história da alegria, por exemplo, foi evocada, mas não explorada de fato; um trabalho pioneiro sobre o nojo também não foi ampliado, seja geográfica ou cronologicamente. Embora frequentemente mencionado, o papel das emoções na história do nacionalismo ou mesmo no surgimento dos esportes modernos demandam mais atenção.

A geografia permanece um problema significativo, embora comece a ser abordada: temos muito mais informações sobre padrões na Europa, Austrália e Estados Unidos do que em outras regiões-chave, o que não apenas limita nossa base de conhecimento, mas complica afirmações mais abrangentes.

Também alcançamos um nível de sofisticação no campo que clarificou algumas das escolhas básicas que os pesquisadores enfrentam. Algumas dessas escolhas são bastante comuns em trabalhos históricos, mas outras se aplicam distintamente aos estudos sobre emoções. Apresentar algumas dessas tensões — muitas delas oferecendo várias opções válidas — pode trazer clareza ao trabalho dos historiadores das emoções no futuro.

I

Aqui está uma área fundamental, que emergiu rapidamente quando o trabalho histórico sobre emoções começou e que possui várias ramificações: o foco está nos padrões emocionais de uma sociedade ou grupo, ou na experiência emocional “real” — as emoções que as pessoas realmente sentem? Os dois temas estão intimamente relacionados. Sociólogos, psicólogos sociais e, agora, historiadores demonstraram que as “regras de sentimento” relevantes afetam o que as pessoas experimentam e como expressam suas emoções para si mesmas e para os outros. A ascensão do amor romântico, por exemplo, mudou a natureza do amor no século XIX. Também é verdade que as regras de sentimento são importantes em si mesmas; elas ajudam a moldar formulações em áreas como o direito, por exemplo. Mas os temas não são idênticos, e é importante manter essa diferença em mente.

A escolha de foco obviamente impacta a seleção de fontes, incluindo a tensão familiar entre a dependência da história intelectual e o compromisso com uma cultura popular mais ampla. Materiais sobre padrões sociais são muito mais fáceis de encontrar do que indícios de experiências reais. Felizmente, o uso crescente de documentos pessoais e outros artefatos está expandindo as possibilidades. Não há uma única escolha melhor: explorar padrões emocionais é revelador por si só. Mas podemos ser cada vez mais explícitos sobre qual aspecto da história das emoções realmente nos interessa.

E a tensão entre padrões e experiência se estende, por fim, a outra questão crucial: a relação entre a história das emoções e a estrutura de classes. As “regras de sentimento” são mais claramente articuladas por grupos hegemônicos. Elas podem genuinamente afetar a experiência emocional de outras classes; certamente moldarão as oportunidades de expressão, por exemplo, nos tribunais de justiça. No entanto, a necessidade de trabalhos que tratam explicitamente de outros setores — a classe trabalhadora, comunidades de imigrantes e, em última instância, até mesmo a sociedade rural — é evidente, e felizmente começa a receber atenção.

II

Todo historiador, especialmente ao trabalhar em um campo relativamente novo, enfrenta a escolha entre focar em um momento específico do passado — um instantâneo — e o interesse em explorar o processo de mudança ao longo do tempo. Ambas as abordagens podem gerar conhecimento útil; ambas lidam com a tarefa desafiadora de entender como as emoções do passado diferem, pelo menos em parte, das emoções atuais. Mas, obviamente, o escopo é diferente, assim como o tratamento da causalidade — que pode ser considerado mais importante ao lidar com mudanças. A relevância dos achados para campos além da própria história também tende a variar. As duas abordagens podem, em última instância, convergir, quando a compreensão de um único ponto no tempo estabelece a possibilidade de abordar a transição dessa configuração específica para outra: mas a distinção vale ser mantida em mente, especialmente à medida que o campo amadurece.

III

Aqui está outra tensão, relacionada à anterior, mas um pouco mais sutil, que surge especialmente à medida que a gama de subtópicos na história das emoções se expande. O foco principal está no papel da emoção em algum evento do passado — por exemplo, um movimento de protesto ou um estilo artístico específico — ou na emoção em si? Ambas as abordagens podem ser frutíferas, e, é claro, as duas podem se combinar. No entanto, a tensão merece atenção, pelo menos por esta razão: dar prioridade ao papel das emoções em outros desenvolvimentos pode não encorajar a consideração das maneiras como as emoções do passado diferem de suas contrapartes contemporâneas. A exploração da raiva em um protesto, por exemplo, pode adicionar profundidade à nossa compreensão da explosão, mas pode implicitamente sugerir que a raiva em si não muda fundamentalmente, que apenas os níveis e as oportunidades se alteram ao longo do tempo. Isso pode ser verdade, mas envolve um conjunto diferente de pressupostos em comparação com aqueles que orientam o trabalho focado principalmente em emoções como raiva, medo ou felicidade em si mesmas.

IV

Os historiadores das emoções enfrentam outro conjunto de decisões relacionadas ao tipo de público que desejam alcançar; essas questões tendem a desaparecer à medida que o campo se expande, mas realmente merecem atenção. Muitos historiadores, compreensivelmente, esperam alcançar um público amplo e diversificado, possivelmente até ganhando algum reconhecimento daquele público esquivo, o leitor geral. Na prática, porém, a maioria escreve para especialistas, e os historiadores das emoções não são exceção. Neste campo específico, no entanto, é importante ter em mente a questão de quais tipos de especialistas se pretende atingir. Afinal, a maioria dos historiadores escreve principalmente para outros historiadores, frequentemente apenas para um subconjunto deles. E quando o interesse principal se concentra em um único período do passado ou no papel das emoções em um episódio histórico particular, a tentação de restringir o público é ainda maior. Escrevemos para outros especialistas em história moderna, ou para pessoas interessadas nos protestos trabalhistas do século XIX, ou talvez principalmente para outros historiadores das emoções.

Não há nada de errado nisso, até certo ponto. Mas, em nosso campo, realmente vale a pena considerar outro público potencial, pelo menos até certo grau: os profissionais de outras disciplinas interessados em emoções e que podem se beneficiar do trabalho que chama a atenção para a dimensão histórica da experiência emocional. (Da mesma forma, por exemplo, é benéfico para nós, como historiadores das emoções, acompanhar trabalhos relevantes em psicologia, sociologia ou até mesmo, como alguns já descobriram, neurociência.) Não há uma resposta clara ou definitiva aqui — informar outros historiadores é algo positivo —, mas a questão da interação mais ampla não deve ser esquecida. Isso pode incluir um interesse em discutir episódios relativamente recentes na história das emoções ou até mesmo padrões de mudança que nos trazem ao presente, onde um público interdisciplinar se torna particularmente relevante.

V

Por fim, há a questão das abordagens regionais versus comparativas — novamente uma questão comum na história, mas com uma aplicabilidade urgente à história das emoções. O desafio geográfico em nosso campo já foi mencionado e, por si só, merece atenção: a necessidade de mais trabalhos sobre a América Latina, a África ou o Oriente Médio é realmente premente. Isso deve envolver uma abundância de trabalhos variados que sejam exclusivamente regionais ou sub-regionais.

No longo prazo, no entanto, também devemos esperar por alguma ambição comparativa que utilize descobertas regionais para abordar questões maiores sobre comparabilidade ao longo do tempo. Tendências comuns na história física moderna da morte — como o declínio generalizado da mortalidade infantil, por exemplo — geram padrões aproximadamente semelhantes de evitação emocional da morte em todas as culturas modernas? Como diferentes ênfases culturais na vergonha afetam a experiência da educação nos séculos XIX e XX? Com sorte, a maturação dos trabalhos regionais e comparativos permitirá que os historiadores enfrentem questões desse tipo no futuro, com implicações que vão muito além de nossa própria disciplina.

PETER N. STEARNS

REFERÊNCIAS

- PLAMPER, Jan. *The history of emotions: An introduction*. OUP Oxford, 2015.
- ROSENWEIN, Barbara H.; CRISTIANI, Riccardo. *What is the History of Emotions?*. John Wiley & Sons, 2017.
- STEARNS, Carol Zisowitz; STEARNS, Peter N. *Anger: The struggle for emotional control in America's history*. University of Chicago Press, 1989.
- STEARNS, Peter N. *Consumerism in world history: The global transformation of desire*. Routledge, 2006.
- STEARNS, Peter N.; STEARNS, Carol Z. *Emotionology: Clarifying the history of emotions and emotional standards*. *The American historical review*, v. 90, n. 4, p. 813-836, 1985.
- STEARNS, Peter N. *Jealousy: The evolution of an emotion in American history*. New York University Press, 1989.
- STEARNS, Peter N.; LEWIS, Jan (Ed.). *An emotional history of the United States*. NYU Press, 1998.
- STEARNS, Peter N. *Shame: A brief history*. University of Illinois Press, 2017.

